

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

O Bem - Estar Psicológico de Crianças/Adolescentes

Institucionalizados

Cláudia Isabel Ribeiro Gonçalves

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Coimbra, 2013



O Bem - Estar Psicológico de Crianças/Adolescentes
Institucionalizados

Cláudia Isabel Ribeiro Gonçalves

Dissertação apresentada ao Instituto Superior Miguel Torga para Obtenção do Grau de

Mestre em Psicologia Clínica

Ramo de Especialização: Psicoterapia e Psicologia Clínica

Orientadora: Professora Doutora Maria dos Anjos Dixe

Coimbra, Novembro de 2013

Em memória eterna do meu querido pai.

Manuel Henrique Ferreira Gonçalves

Agradecimentos

Ao chegar ao fim de mais uma etapa tão importante da minha vida, não podia deixar de agradecer às pessoas que, de qualquer forma me ajudaram e apoiaram ao longo desta caminhada. Deste modo agradeço de forma carinhosa:

À minha mãe, por todo o esforço e sacrifício que tem feito por mim ao longo da vida, pelo amor e dedicação que só uma mãe sabe dar.

Ao meu irmão, pelo amor, carinho e cumplicidade, sem ti nada disto tinha sido possível.

Ao meu querido pai, de quem tenho imensas saudades, pela força que me tens dado, mesmo não estando presente fisicamente. Estarás sempre no meu coração!

A vós, devo tudo aquilo que sou, e por vós, não desisti mesmo nos momentos em que fraquejei. Obrigada!

À Professora Dr. ^a Maria dos Anjos Dixe, pela dedicação, simpatia, disponibilidade, ensinamento e paciência.

Aos meus amigos, pela amizade, companheirismo, incentivo e ajuda na realização deste projeto.

Às Instituições que colaboram neste projeto.

Por fim, um agradecimento especial às crianças e adolescentes que participaram neste estudo. Sem eles não teria sido possível.

A todos, muito obrigada!

Resumo

Ao longo dos últimos anos muito se tem estudado sobre os jovens institucionalizados.

O principal objetivo deste estudo centra-se na questão do bem-estar psicológico de crianças e adolescentes institucionalizados em lares de infância e juventude (LIJ).

Neste estudo participaram 38 indivíduos, sendo 23 do sexo feminino e 15 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos e um nível de escolaridade entre o 3.º e o 12.º ano.

Para avaliar o bem-estar psicológico em adolescentes, o instrumento colheita de dados utilizado foi um questionário constituído pela Escala de Bem-Estar Psicológico (EBEPA) de Bizarro e um conjunto de variáveis.

De uma forma geral, os resultados indicam-nos que estas crianças/adolescentes têm um bom nível de bem-estar psicológico, porém vai diminuindo com o aumento da idade. Como resultados obtidos podemos ainda referir que não existem diferenças estatisticamente significativas entre o bem-estar psicológico e o sexo, contudo os rapazes apresentam média de rank superiores às raparigas em todas as áreas à exceção da Cognitiva-Emocional Positiva e no Apoio Social

Nesta questão da institucionalização seria importante traçar um plano de intervenção junto destas crianças e adolescentes, tendo como objetivo o desenvolvimento das suas competências pessoais e sociais, visando a promoção da sua autonomia, potenciar a sua autoestima e prevenir futuras situações de inadaptação.

Palavras – Chave: Bem-Estar Psicológico, Adolescência, Institucionalização.

Abstract

Over the last few years a lot has been studied about institutionalized adolescents.

The present study aims at analyzing the psychological well-being of children and adolescents, institutionalized in residential institutions for children and young people (LIJ).

This sample comprised 38 children and young people, 23 of them female and 15 male, with ages between 10 and 18 years and the 3rd and 12th grade of education.

The instrument used to assess the psychological well-being of the adolescents was a questionnaire based on the Bizarro scale of valuation of psychological well-being (EBEPA) and some variables.

The results obtained showed also that statistically there are no significant differences between psychological well-being and gender; however, in comparison, the boys reveal a superior average of *rank* in all areas with the exception of the subscales of *Positive Cognitive-Emotional* and *Social Support*.

Finally, the availability of an intervention project to help these institutionalized children and adolescents would be very important, having as its principal objective the development of their social and personal skills, the promotion of their autonomy, the enhancement of their self-esteem and the prevention of future situations of maladjustment.

Key-words: Psychological well-being, adolescence, institutionalization.

Índice Geral

1. Introdução.....	1
1.1.A adolescência e o bem-estar psicológico.....	1
1.2.Os adolescentes, institucionalização e o bem-estar psicológico.....	4
1.3.Questões de estudo	8
1.3.1. Hipóteses	9
2. Materiais e Métodos	9
2.1.Participantes	9
2.2.Procedimentos	10
2.3.Instrumentos	10
2.4. Análise Estatística	11
3. Resultados.....	12
4. Discussão.....	25
5. Conclusão	29
6. Bibliografia.....	31
7. Anexos.....	36

Índice de Quadros

Quadro 1 - Distribuição das respostas da amostra quanto às características sociodemográficas	12
Quadro 2 - Distribuição das respostas da amostra quanto aos motivos e idade da institucionalização da amostra	12
Quadro 3 - Distribuição das respostas da amostra quanto aos sentimentos de integração na instituição	13
Quadro 4 - Distribuição das respostas da amostra quanto às dificuldades de inserção.....	14
Quadro 5 - Distribuição das respostas da amostra relativamente à adaptação e satisfação quanto à instituição	14
Quadro 6 - Distribuição das respostas da amostra quanto às dificuldades sentidas na atualidade	14
Quadro 7 - Distribuição da amostra quanto ao significado de autonomia.....	15
Quadro 8 - Distribuição das respostas da amostra quanto ao tipo de apoio que necessita.....	15
Quadro 9 - Distribuição das respostas da amostra quanto à sua vontade de se relacionarem com a família biológica	16
Quadro 10 - Distribuição das respostas da amostra quanto à frequência de contacto com a família.....	16
Quadro 11 - Distribuição das respostas da amostra quanto à existência e residência dos irmãos.	16
Quadro 12 - Distribuição das respostas da amostra quanto à sua opinião sobre si, sobre a relação com o outro e sobre as suas perspetivas sobre o futuro.	17
Quadro 13 - Distribuição das respostas da amostra quanto às atividades fora da instituição	18
Quadro 14 - Distribuição das respostas da amostra quanto ao motivo porque não têm atividades extracurriculares	18
Quadro 15 - Distribuição das respostas da amostra quanto à sua opinião face à escola	19
Quadro 16 - Distribuição das respostas da amostra quanto às disciplinas em que necessitam de ajuda nos TPC's.	19
Quadro 17 - Caraterização da amostra quanto ao bem-estar psicológico.....	20

Quadro 18 - Resultados da aplicação do teste U de Mann Whitney ao Bem-estar psicológico consoante o sexo da criança/adolescente.	22
Quadro 19 - Resultados da aplicação da correlação de Speaman's entre o EBEPA e a idade da criança/adolescente	23
Quadro 20 - Resultados da aplicação da correlação de Speaman's entre o EBEPA e duração da institucionalização.	23
Quadro 21 - Resultados da aplicação do teste Kruskal Wallis ao bem-estar psicológico consoante a criança/adolescente tem definidos objetivos e rumo de vida. .	24
Quadro 22 - Resultados da aplicação do teste Kruskal Wallis ao bem-estar psicológico consoante a criança/adolescente tem ou não orgulho em si.	25

Lista de abreviaturas

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

LIJ – Lares de Infância e Juventude

EBEPA – Escala de Bem-Estar Psicológico para Adolescentes

1.Introdução

O presente estudo visa principalmente avaliar a percepção que as crianças e adolescentes institucionalizados em Lares de Infância e Juventude têm em relação ao seu bem-estar psicológico.

Ao longo dos últimos anos muito se tem estudado sobre a institucionalização de crianças e adolescentes como sendo a última resposta quando os pais deixaram de exercer as funções educativas para com os filhos. Os estudos realizados em Portugal centram-se na autonomia e satisfação com a vida, no bem-estar subjetivo, nas vivências, nos objetivos de vida, vinculação e afetividade das crianças e adolescentes institucionalizados.

Os objetivos fundamentais deste estudo centram-se na existência ou não de diferenças a nível da idade, sexo, objetivos e rumo de vida, escolaridade, família, relacionamento com os colegas, atividades dentro e fora da instituição, bem como a satisfação com a própria instituição.

Para a elaboração desta investigação foi solicitada a colaboração de instituições da região centro do país que acolhem crianças e adolescentes.

O primeiro capítulo respeita ao enquadramento teórico, bem como os objetivos para este estudo. O capítulo seguinte é dedicado à metodologia do projeto, caracterizando-se os participantes, os instrumentos de recolha de dados e os procedimentos utilizados. No que diz respeito aos resultados estes são descritos no capítulo três, descrevendo os instrumentos, a análise e correlações efetuadas. O capítulo quarto é destinado à discussão dos resultados e por último a conclusão com alusão às limitações encontradas e sugestões para futuros estudos.

1.1. A adolescência o bem-estar psicológico

Sendo a população-alvo deste estudo, indivíduos entre os 12 e os 18 anos, i.e., adolescentes, tentou-se perceber as características desta fase que é conhecida como uma fase de instabilidade afetiva, emocional, comportamental com mudanças físicas e psicossociais. Pode considerar-se esta fase como um período de mudanças radicais, rápidas e intensas (Bizarro, 1997) que se verificam em diferentes níveis: físico, cognitivo, social, moral e, conseqüentemente, psicológico. É, também, uma fase de transição e relação com o mundo

adulto, onde se dão vários conflitos pessoais, familiares, sentimentos ambivalentes e um alto nível de questionamento (Silva, 2011).

Porém, a adolescência é uma etapa fundamental para a estruturação da personalidade do sujeito, sendo também uma das melhores épocas a nível de saúde, vitalidade e criatividade, podendo o adolescente ser responsável por tarefas próprias da adultez e assim traçar sonhos e objetivos. É, também, uma fase propícia para a existência de fragilidades psicossociais e fatores relacionados com a saúde mental (Avanci, Assis, Ferreira, Oliveira & Pesce, 2007).

No entanto, para além de abordar as características desenvolvimentistas da adolescência, é também essencial referir alguns contextos que influenciam vivamente os jovens e o seu desenvolvimento. Assim, existem diversos contextos que podem exercer influência de forma favorável ou desfavorável, nomeadamente o contexto familiar, o contexto escolar e o contexto social (grupo de pares). Focando essencialmente o primeiro contexto, a família é o primeiro grupo de pertença da criança, sendo também o meio em que se desenvolvem relações de ajuda, afeto e respeito (Papalia, Olds, & Feldman, 2007).

Na transição da infância para a adolescência ocorrem também alterações de nível social, caracterizadas por contradições e ambivalências que levam o adolescente a viver permanentemente entre a necessidade de independência e dependência. É nesta fase que os adolescentes caminham para uma maior autonomia em relação aos seus familiares, sendo esta separação, mesmo que simbólica, difícil para ambos. Ao longo do tempo, as relações afetivas estabelecidas com os pais vão sendo substituídas pelas relações com o grupo de pares. Este grupo é considerado uma fonte de referência de normas de conduta onde se partilham segredos e experiências, contribuindo assim para o desenvolvimento emotivo e da personalidade. Mas se por um lado este grupo promove a existência de laços sociais e de confiança e um ambiente mais preparado para intervir em estado de crise, por outro também é verdade que a qualidade da relação com estes pares tem influência no aparecimento e continuidade de algumas condutas patológicas, por exemplo, perturbações do comportamento (Silva, 2011).

Vários autores afirmam que nesta fase há momentos depressivos que são uma característica do processo de luto inerente a este período. Luto esse do “corpo infantil, pela perda dos pais da infância, pela perda da identidade infantil e pela própria afirmação do adolescente no mundo adulto (Sukiennik & Salle, 2002 *in* Avanci *et al.*, 2007). É por esta razão o quão é importante perceber o bem-estar psicológico nos jovens institucionalizados.

Ao longo dos últimos anos o bem-estar psicológico tem sido um campo de estudo a despertar cada vez mais interesse e curiosidade, sendo por isso alvo de inúmeras investigações. No entanto, escassas são as que relacionam o bem-estar psicológico com o processo de institucionalização (Silva, 2011).

A promoção do bem-estar é de extrema importância durante a adolescência, uma vez que este é um período em que ocorrem diversas oscilações do bem-estar (Bizarro, 2001). Apesar de a adolescência por si só ser considerada um período turbulento, este pode ainda ser surpreendido por eventos stressantes que diminuam o bem-estar, como a institucionalização.

O modelo de Bem-Estar Psicológico, originado por Ryff (1989) e posteriormente desenvolvido por Ryff e Keyes (1995) é baseado em concepções de crescimento pessoal e autorrealização, que engloba seis dimensões: autoaceitação (caraterizada pela perceção e aceitação dos diversos aspetos do sujeito, quer sejam caraterísticas boas ou más); autonomia (sentimento de autodeterminação e capacidade de autorregulação); controlo sobre o meio (capacidade de gerir a própria vida e as exigências intrínsecas e extrínsecas ao sujeito); relações positivas com terceiros (estabelecer relações positivas e altruístas com os outros); propósitos na vida (atribuição de significado/importância à existência e autorrealização pessoal) e desenvolvimento pessoal (sentimento de desenvolvimento contínuo e abertura a novas experiências de vida necessárias à maximização do seu potencial) (Ryff & Keyes, 1995). Assenta, ainda, na compreensão do desenvolvimento humano e dos desafios existenciais da vida (Carvalho, 2009).

Já Diener (2000) entende o bem-estar como um conceito alargado que inclui muitas experiências de afetos positivos, baixos níveis de afetos negativos e um nível elevado de satisfação com a vida.

Por ser constituído por estas três componentes, McCullough, Heubner e Laughlin evidenciam um Modelo Tripartido do bem-estar. Embora cada um destes constructos esteja correlacionado substancialmente, a verdade é que devem ser considerados isoladamente: a Satisfação com a Vida e a Felicidade estão relacionadas com o afeto positivo e (ausência de) afeto negativo (Galinha & Ribeiro, 2005).

Silva (2011) refere que se percebeu que o bem-estar não pode apenas ser avaliado por fatores externos, como as condições socioeconómicas, as condições de habitação ou o nível de educação, passando também a ser importante considerar a experiência subjetiva do sujeito relativamente ao seu próprio bem-estar.

Para Novo (2003) o bem-estar psicológico é caraterizado por diferentes dimensões, básicas ao funcionamento positivo, que emergem de modelos teóricos da psicologia do

desenvolvimento, da psicologia clínica e da saúde mental. É desenvolvido através de diferentes concepções de desenvolvimento do autoconceito, da saúde mental e da personalidade.

Segundo o mesmo autor o bem-estar psicológico é parte integrante de processos cognitivos, emocionais e afetivos. Assim, devem existir diferentes dimensões psicológicas que permitam a relação do sujeito consigo e com a sua própria vida, capacidade de orientação de forma atingir os objetivos defendidos e significativos para si, e também o relacionamento do sujeito com o meio social.

Para um funcionamento psicológico ótimo, tem de existir uma aceitação de si, uma crença de que a vida pessoal é importante, entre muitos outros sentimentos que formam a construção de um bem-estar psicológico, tais como a felicidade e satisfação. O autor afirma, ainda, que o bem-estar psicológico considera de igual forma a felicidade e as dimensões da personalidade, sendo estas essenciais a um funcionamento psicológico positivo.

“O bem-estar psicológico constrói-se por referência aos outros e ao mundo, numa relação de intersubjetividade. Não é por referência ao próprio, mas sim a partir do relacionamento interpessoal, que a identidade pessoal e o bem-estar psicológico se constroem” (Cabral, 2011, p. 60).

Segundo Keyes, Shmotkin e Ryff (2002) o “modelo de bem-estar psicológico permite identificar o sentimento de felicidade em domínios psicológicos diversos e quais os recursos psicológicos que a pessoa detém ao nível da aceitação de si e do seu relacionamento interpessoal, assim como do seu domínio do ambiente” (Cabral, 2011, p. 57).

O conceito de bem-estar psicológico varia com a orientação teórica dos diversos autores. Alguns referem que o bem-estar é o espelho de ausência de sintomas de perturbações, no entanto outros referem a existência de indicadores positivos de funcionamento (Ryff & Keyes, 1995). Contudo, há também autores que defendem as duas abordagens, não esquecendo a presença de recursos pessoais que vão influenciar e promover o funcionamento psicológico (Bizarro, 2001). Para esta autora o estudo do bem-estar psicológico deverá ser efetuado ao longo do tempo e não momentaneamente.

1.2. Os adolescentes, a institucionalização e o bem-estar psicológico

As instituições de acolhimento são equipamentos sociais para crianças ou jovens, que em contexto familiar não têm condições e são retirados de forma temporária, ou mesmo definitiva.

A nível mundial, estima-se que cerca de oito milhões de crianças estejam em regime de acolhimento institucional (Pinheiro, 2006, *in* Abaid, 2008). Em Portugal esta decisão é considerada uma última medida, embora seja aquela que apresenta maior expressão, uma vez que no caso de falta de suporte familiar adequado às necessidades das crianças e jovens, e na falta de alternativas adequadas, a institucionalização é a solução possível (Martins, 2005).

A institucionalização acontece quando a família deixa de exercer as funções de educação e proteção da criança/adolescente, sendo que esta medida poderá vigorar por muitos anos, afetando os indivíduos em todos os níveis da sua vida (Henriques, 2008).

As instituições devem satisfazer as necessidades de alojamento, alimentação, higiene, saúde e educação, de forma a assegurar o desenvolvimento integral das crianças e jovens cujos pais deixaram de ter a finalidade educativa e de proteção. Contudo, as instituições devem também preocupar-se em reproduzir um ambiente harmonioso, que se aproxime de um ambiente familiar adequado, criar ambientes de socialização primária que promovam a existência de relações, prestar cuidados, nomeadamente cuidar e confortar, modificar respostas comportamentais desadequadas, respeitar a individualidade de cada criança/adolescente e promover competência físicas, sociais, culturais e intelectuais, bem como normas e valores (Martins, 2004).

Embora as instituições estejam cada vez mais dotadas para suprir todas as necessidades e cuidados das crianças e adolescentes, nem todos os autores as consideram como ambiente adequado para o acolhimento. Neste sentido, Teixeira (2009) refere que dificilmente as instituições conseguem proporcionar um ambiente estável e seguro. Assim, o ambiente vivido nas instituições não é adequado para o desenvolvimento, podendo mesmo ser desfavorável. No entanto, sabe-se que as características das instituições são um aspeto de extrema importância para as crianças e adolescentes institucionalizados, uma vez que é a realidade com que se deparam diariamente (Siqueira & Dell`Aglia, 2006).

Aquando da chegada de uma criança ou adolescente a uma instituição de acolhimento, esta pode ser vivida como “uma perda ou rejeição do seio familiar, que, por muito disfuncional que possa apresentar-se, traduz no mundo interno dos jovens um sentido de pertença” (Mota & Matos, 2008, p. 367).

Deste modo, consideramos que “conceber o modo como estes jovens encaram a “nova casa” é fundamental no seu percurso desenvolvimental psíquico e emocional”, tornando-se relevante perceber que os fatores de risco que frequentemente são associados à institucionalização podem ser atenuados quando são tidos em conta eventuais fatores

protetores relacionados com as circunstâncias contextuais e emocionais, tanto precedentes como no presente, dos jovens (Mota & Matos, 2010, p. 245).

Hecht e Silva (2010) afirmam que as boas experiências das crianças e adolescentes institucionalizados vai depender dos laços afetivos e do apoio social que a instituição disponibilizar, “servindo de mais um elo para a formação de suas identidades e para o seu desenvolvimento e criando oportunidades para o enfrentamento da vida social e pessoal” (p.8).

A afetividade é aquilo que liga um ser humano a outro ser humano. É a dinâmica mais complexa que pode existir e inicia-se a partir do momento em que o indivíduo se liga ao outro através de um sentimento de pertença e amor, logo, passa a existir o medo da perda e ou da separação.

Podemos afirmar que a afetividade faz parte de todo o desenvolvimento psicológico do indivíduo, e sem ela, não há um correto desenvolvimento psíquico, sendo de extrema importância para a formação da personalidade nos primeiros anos de vida, considerando que aquilo que acontece ao indivíduo neste período irá refletir-se na adolescência e na fase adulta (Bairros, *et al.*, 2011).

A afetividade é uma mistura de emoções, tais como, o amor, alegria, tristeza, ódio, raiva, saudade, inveja, mas se aprendermos a lidar com todas elas, iremos ter uma vida emocional plena e equilibrada.

A construção de laços emocionais desde os primeiros tempos de vida de um bebê, vai ter uma importante relevância ao longo do seu desenvolvimento psíquico. Na relação mãe-filho, as manifestações de afeto são decisivas na formação da personalidade e vão influenciar as suas relações sociais, logo, é determinante na formação da estrutura emocional do indivíduo, “a afetividade é a raiz de todo o relacionamento humano, é a primeira forma de envolvimento que temos com o mundo” (Bairros *et al.*, 2011, p.2).

Segundo Alencar, “as influências afetivas que envolvem a criança desde o início de sua vida, sobretudo por meio das relações que mantêm com os outros, serão determinantes na sua evolução psíquica. Isso porque, o desenvolvimento da afetividade tem uma base orgânica e ao mesmo tempo social, ou seja, mesmo a criança possuindo todas as condições biológicas de desenvolvimento, isso só será possível mediante as condições sociais”. Logo, podemos concluir que o psiquismo desenvolve-se com base na relação entre os fatores orgânicos e sociais, durante o desenvolvimento do ser humano (Alencar, s/d, p. 3).

Segundo Wallon, a afetividade tem um papel imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade. Esta é um domínio funcional e depende de dois

importantes fatores: o social e o orgânico. Inicialmente determinada pela fator orgânico, a afetividade passa a ser influenciada pela relação com o meio social de cada indivíduo e os seus efeitos podem ser modificados pelas circunstâncias sociais da sua existência, onde o direito de escolha do indivíduo não está presente. A afetividade está relacionada com o bem-estar e mal-estar do indivíduo.

O autor considera a afetividade como um campo funcional que contém um vasto conjunto de manifestações, englobando os sentimentos, que considera serem da ordem psicológica e as emoções, que considera ser da ordem biológica. Em cada estágio do desenvolvimento humano, a afetividade tem diferentes manifestações, sobretudo nas necessidades e maturidade da criança. A afetividade, a inteligência e a motricidade torna possível a evolução psíquica da criança, que ocorre em interação com o mundo externo (Wallon, 1998).

Os laços afetivos que se estabelecem com as figuras de vinculação são fundamentais no processo de significação da relação com o mundo. Assim, quando esta relação não é segura e satisfatória torna-se complicado a relação com o mundo. Contudo, as crianças e adolescentes institucionalizados podem ser capazes de manter relações de afetividade duradouras com as figuras alternativas. Bowlby (1969) afirmou que as crianças estão desde muito cedo dotadas de um “sistema capaz de versificar os seus comportamentos com o fim de manter a proximidade da figura de vinculação de forma a garantir a sobrevivência” (Mota & Matos, 2008, p. 368).

A separação das figuras vinculativas leva as crianças e jovens institucionalizados a experienciar situações adversas e o ambiente nas instituições, nem sempre é o mais adequado para um bom desenvolvimento emocional.

O vínculo afetivo estabelecido antes da institucionalização é muito importante e se este vínculo for seguro, irá manter-se ao longo dos anos “o pouco que obtiverem nas relações é guardado como um tesouro do qual não querem se desfazer” (Orionte & Souza, 2005, p. 40).

Alexandre & Vieira (2004) efetuaram um estudo onde puderam concluir que nas relações de apego entre as crianças e adolescentes institucionalizados, na ausência de uma figura vinculativa significativa, estas criavam laços de apego forte entre si, existindo um sentido de pertença, ajuda mútua e assim uma importante fonte de resiliência.

O sintoma mais frequente vivenciado por estas crianças e adolescentes é a culpa. Essa culpa sentida pelos indivíduos, pode tornar-se numa baixa autoestima, autodesvalorização, desmotivação e um sentimento de abandono (Martins, 2005; Orionte & Souza, 2005).

O acolhimento institucional está diretamente relacionado com as dificuldades emocionais destas crianças e adolescentes, sendo muito difícil distinguir se a causa é a própria institucionalização ou as experiências precoces vividas, podendo-se afirmar que estão relacionadas com questões de vinculação e relacionamento interpessoal. Assim, o processo de institucionalização é acompanhado de sentimentos de angústia, perda, abandono e solidão, uma vez que são confrontados com a negligência parental (Mota & Matos, 2010) e a separação da mãe pode provocar cicatrizes emocionais muito profundas.

Magalhães (2004) afirma que mesmo havendo negligência parental, estas crianças e jovens quando estão no seio familiar, de alguma forma sentem uma organização interna e proteção.

Por outro lado Miller (1997) defende que a institucionalização é uma forma de abuso infantil, podendo as crianças e jovens que passam por este tipo de experiência correr um maior risco de desenvolver comportamentos desadaptativos e psicopatologias (Silva, 2009).

Faria, Salgueiro, Trigo e Alberto (2008) efetuaram um estudo, onde procuravam compreender as vivências associados à institucionalização. Concluíram que a institucionalização tinha uma conotação positiva, onde os adolescentes afirmavam que o acolhimento e a primeira perceção tinham sido negativa, mas após o contacto com os outros jovens esse sentimento desvaneceu-se. Estes jovens no geral estavam satisfeitos, referindo até que preferiam ficar na instituição a ir para outro sítio qualquer. Apesar de referirem a existência de conflitos, as relações no geral são satisfatórias.

1.3. Questões de estudo

O presente estudo tem os seguintes objetivos:

- Avaliar a perceção que as crianças/adolescentes institucionalizadas têm relativamente ao seu bem-estar psicológico;
- Determinar as características sociodemográficas, familiares, motivos, adaptação e satisfação das crianças/adolescentes quanto à institucionalização;
- Identificar as atividades realizadas fora da instituição e opinião face à escola das crianças/adolescentes institucionalizados;
- Avaliar a opinião das crianças/adolescentes institucionalizadas sobre si, sobre a relação com o outro, com o passado, presente e futuro da sua situação e sobre as suas perspetivas futuras;

- Relacionar o bem-estar psicológico das crianças/ adolescentes institucionalizadas e o seu sexo, idade, tempo de institucionalização, terem objetivos e rumo de vida e o fato de sentirem orgulho ou não em si.

Tendo por base os objetivos definidos podemos classificar este estudo como correlacionado.

1.3.1. Hipóteses

H1 - Existem diferenças estatisticamente significativas no bem-estar psicológico das crianças/adolescentes consoante o seu sexo.

H2 - Há correlação positiva e significativa entre o bem-estar psicológico e as crianças/adolescentes consoante a sua idade.

H3 - Há correlação negativa e significativa entre o bem-estar psicológico das crianças/adolescentes consoante a duração de institucionalização.

H4 - Existem diferenças estatisticamente significativas no bem-estar psicológico das crianças/adolescentes consoante o fato destas terem objetivos e rumo de vida.

H5 - Existem diferenças estatisticamente significativas no bem-estar psicológico das crianças/adolescentes consoante têm ou não orgulho em si.

2. Materiais e Métodos

2.1. Participantes

A amostra não probabilística por conveniência, foi constituída por crianças e adolescentes institucionalizados em LIJ do Distrito de Leiria.

A amostra final ficou constituída por 38 crianças/adolescentes sendo 23 do sexo feminino e 15 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos e um nível de escolaridade entre o 3.º e o 12.º ano. Apesar de alguns participantes terem idade inferior a 12 anos podendo considerar-se crianças, optámos por não os excluir.

2.2. Procedimentos

A aplicação dos instrumentos foi precedida da autorização das instituições. Antes do pedido foram realizados contactos via telefone e mail com o objetivo de apresentar o projeto e solicitar a sua colaboração (Anexo I). A aplicação dos questionários foi efetuada durante o mês de maio.

Para o seu preenchimento houve a colaboração das Instituições nomeadamente dando as autorizações e cedendo o espaço para a aplicação dos questionários aos utentes.

Foram dadas instruções aos sujeitos sobre o correto preenchimento dos questionários, garantindo a confidencialidade das respostas seguindo os critérios éticos da APA (American Psychological Association), bem como reforçada a voluntariedade e a não existência de respostas corretas ou incorretas. As autorizações para a aplicação dos questionários às crianças e adolescentes foram dadas pelas instituições, uma vez que estão à sua responsabilidade e não pelos pais, apesar destes ainda serem menores.

2.3. Instrumentos

O instrumento de colheita de dados foi um questionário constituído pela Escala de Bem-Estar Psicológico de Bizarro e um conjunto de variáveis que a seguir se descrevem.

A EBEPa é um instrumento de avaliação do bem-estar psicológico para adolescentes, desenvolvido por Bizarro (1999, 2001). É composta por 28 itens que se distribuem por cinco subescalas consideradas como componentes do bem-estar psicológico dos adolescentes. As subescalas são denominadas da seguinte forma: Cognitiva Emocional Positiva (6 itens: 5; 7; 7; 10; 12; 13; 24), que avalia aspetos cognitivos e emocionais do bem-estar com a valência mais positiva; Apoio Social (6 itens: 2; 9; 15; 19; 25; 28), que avalia a existência no espaço relacional do adolescente, de pessoas que lhe possam assegurar um apoio emocional; Percepção de Competências (4 itens: 1; 3; 18; 27)) que tem como objetivo avaliar a percepção de competências em geral, no domínio escolar e de resolução de problemas; Cognitiva Emocional Negativa (6 itens: 4; 8; 16; 21; 22; 26) que avalia os aspetos cognitivos e emocionais do bem-estar com uma valência mais negativa; Ansiedade (6 itens: 6; 11; 14; 17; 20; 23) que avalia queixas somáticas e outras habitualmente associadas a sintomas de ansiedade (Anexo II).

Esta permite avaliar o funcionamento nos diversos domínios e dificuldades, tendo um caráter de utilidade para a intervenção psicológica, nomeadamente na tomada de decisões clínicas face aos objetivos e a metas a atingir durante a intervenção, e assim diminuir os fatores que contribuem para um menor bem-estar.

Para além do EBEPa o questionário para crianças/adolescentes institucionalizados era constituído por um conjunto de questões (Anexo III), como dados relacionados com a instituição, a idade com que foi institucionalizado, o motivo, as dificuldades de integração, as dificuldades atuais, a satisfação com a instituição, o relacionamento com os colegas e sobre as atividades com o técnico da instituição. Em relação à família o questionário aborda a frequência do contato, o desejo ou não de voltar para o contexto familiar e se tem irmãos. Quanto aos dados relacionados com a escolaridade, estes questionam o desempenho académico, a satisfação com escola e professores, atividades extracurriculares e dificuldades nos TPC's. No que concerne ao bem-estar psicológico, questionámos ainda os inquiridos sobre os planos para o futuro, objetivos, os amigos, interesses, entre outros.

2.4. Análise estatística

O programa informático de análise estatística utilizado foi o Statistical Package for Social Sciences (SPSS) – Versão 20.0. Para este estudo foi utilizada a Estatística Descritiva, nomeadamente, frequências relativas, medidas de tendência central (mediana e média) e ainda, medidas de dispersão e variabilidade (desvio-padrão).

Antes da aplicação do teste estatístico, foi utilizado o teste de Shapiro wilk ($N < 50$) afim de verificar a normalidade da distribuição dos dados. Como a distribuição não era normal em todos os fatores da Escala de bem-estar psicológico, foram utilizados testes não paramétricos de teste U de Mann Whitney e o teste de Kruskal Wallis para amostras independentes e a correlação de Spearman.

As perguntas de resposta aberta foram tratadas contabilizando as respostas dos inquiridos em virtude destas serem pequenas e claras.

2. Resultados

a) Características sociodemográficas, motivos, adaptação e satisfação da amostra quanto à institucionalização

Considerando a idade dos sujeitos, comprovamos que se situa entre os 10 e os 18 anos, sendo a média de $M= 14,21$ e desvio-padrão de $DP= 2,1$. Verificamos que 60,5% são do sexo feminino e 39,5% do sexo masculino. Em relação ao ano letivo frequentado, os maiores percentuais situam-se no 8.º ano com 25% dos sujeitos, seguido do 9.º ano com 22,2% (Quadro 1).

Quadro 1

Distribuição das respostas da amostra quanto às características sociodemográficas (n=38).

<i>Características sociodemográficas</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
Sexo		
Feminino	23	60,5
Masculino	15	39,5
Ano letivo frequentado		
3.º ano	1	2,8
4.º ano	2	5,6
5.º ano	7	19,4
7.º ano	4	11,1
8.º ano	9	25,0
9.º ano	8	22,2
10.º ano	3	8,3
11.º ano	1	2,8
12.º ano	1	2,8

Quanto à idade da institucionalização, concluímos que 2,6% foi institucionalizada aos 4 anos, estando o maior percentual situado nos 11 anos com 23,7% dos sujeitos. Atendendo aos motivos da institucionalização, entre os mais comuns consideramos a falta de condições (30,6%), seguido de questões familiares (13,9%), com 8,3% estão os motivos de família carenciada, maus tratos e negligência parental. De salientar que 11,1% dos inquiridos não sabe o motivo por que está institucionalizado.

Quadro 2

Distribuição das respostas da amostra quanto aos motivos e idade da institucionalização da amostra

<i>Motivo institucionalização (n=36)</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
Questões familiares	5	13,9
Família Carenciada	3	8,3
Maus Tratos	3	8,3
Progenitora Presa	1	2,8

Quadro 2

Distribuição das respostas da amostra quanto aos motivos e idade da institucionalização da amostra (Continuação)

Falta de Condições	11	30,6
Ausência de Suporte Familiar	2	5,6
Absentismo Escolar	2	5,6
Não Sei	4	11,1
Mau Comportamento	1	2,8
Por vontade própria	1	2,8
Negligência Parental	3	8,3
Idade da institucionalização (n=37)		
4 anos	1	2,6
7 anos	2	5,3
8 anos	1	2,6
9 anos	5	13,2
10 anos	5	13,2
11 anos	9	23,7
12 anos	5	13,2
13 anos	5	13,2
14 anos	1	2,6
16 anos	3	7,9

Considerando os sentimentos de integração dos inquiridos, verificámos que 29,7% se sentiu muito mal, 10,8% sentiu-se nervoso e 8,1% sentiu-se bem na sua integração.

Quadro 3

Distribuição das respostas da amostra quanto aos sentimentos de integração na instituição (n=37)

Sentimentos	n	%
Triste	10	27
Muito mal	11	29,7
Revoltado/a	3	8,1
Zangado/a	1	2,7
Confuso/a	2	5,4
Nervoso/a	4	10,8
Bem	3	8,1
Não sei	1	2,7
Mais ou menos	1	2,7
Normal	1	2,7
Total	37	100,0

No quadro 4 podemos verificar que quanto às dificuldades de inserção o valor mais elevado foi na integração dos indivíduos no grupo com 27,7%. Sem qualquer tipo de dificuldades responderam positivamente 13,9% dos inquiridos.

Quadro 4

Distribuição das respostas da amostra quanto às dificuldades de inserção (n=36)

Dificuldades de inserção	n	%
Cumprir as regras	4	11,1
Não senti dificuldades	5	13,9
Não gostei dos colegas	3	8,3
Não sei bem	3	8,3
Integração nos grupos	10	27,7
Muitas dificuldades/de tudo	3	8,3
Falta de confiança nas pessoas	1	2,7
Em fazer amizades	3	8,3
Normal	3	8,3
Saudades da família	1	2,7
Total	36	100,0

Pelos dados apresentados no quadro 5 poderemos referir que 42,1% dos inquiridos acha que a sua institucionalização foi benéfica, 57,9% dos sujeitos afirmam que estavam bem integrados, 50% concordam com a existência de regras e 43,2% afirmaram ter privacidade na instituição.

Quadro 5

Distribuição das respostas da amostra relativamente à adaptação e satisfação quanto à instituição

	Sim		Não		Às vezes	
	n	%	n	%	n	%
Achas que a vinda para esta instituição foi boa para ti?	16	42,1	7	18,4	15	39,5
Sentes que estás bem integrado na instituição?	22	57,9	1	2,6	15	39,5
No geral estás satisfeito com a instituição?	7	19,4	7	19,4	22	61,1
Concordas com as regras da instituição? (n=36)	19	50,0	6	15,8	13	34,2
Dentro da instituição tens tarefas?	35	92,1	3	7,9	0	0,0
Tens privacidade na instituição? (n=37)	16	43,2	7	18,9	14	37,8

Quanto às dificuldades sentidas na atualidade as respostas recaem sobretudo no cumprimento das regras estabelecidas com 31,4% dos indivíduos a responder afirmativamente e também nas saudades da família com 17,1%.

Quadro 6

Distribuição das respostas da amostra quanto às dificuldades sentidas na atualidade (n=35)

Dificuldades sentidas na atualidade	n	%
Não tenho	7	20
As regras	11	31,4
Falta de sinceridade	1	2,9
Não poder sair com os amigos	3	8,6
Aceitar porque estou aqui	1	2,9
Saudades da família	6	17,1

Quadro 6

Distribuição das respostas da amostra quanto às dificuldades sentidas na atualidade (n=35) (Continuação)

Ter de estudar	1	2,9
Não ter nada para fazer	1	2,9
Outras dificuldades	4	11,4
Total	35	100,0

Pelos dados apresentados no quadro 7 podemos referir que 25% dos inquiridos não sabe o significado de autonomia, 7,1% afirma que é ter responsabilidades e tarefas para fazer e 3,6% respondeu que era fazer o que lhe apetecia.

Quadro 7

Distribuição da amostra quanto ao significado de autonomia (n=28)

Autonomia	n	%
Não sei o que é	7	25
É o que me deixam fazer sozinho/a	9	32,1
Ter a minha independência	1	3,6
Saber cuidar de mim	1	3,6
Dar avaliação a nós próprios	1	3,6
Fazer as coisas por mim	1	3,6
Ter responsabilidade e tarefas	2	7,1
Fazer o que me apetece	1	3,6
Como se tivesse tudo em cima de mim	1	3,6
Fazer pequenas tarefas e atividades sozinha	3	10,7
Pensarmos por nós próprios	1	3,6
Total	28	100,0

Atendendo ao tipo de apoio que estas crianças e adolescentes necessitam podemos concluir que 6,7% necessita de falar sobre a sua vida e ajuda para voltar para casa e 26,7% afirma que não precisa de ajuda porque já tem a necessária.

Quadro 8

Distribuição das respostas da amostra quanto ao tipo de apoio que necessita (n=30)

Apoio que necessita	n	%
Falar sobre a minha vida	2	6,7
Ajuda para voltar para casa	2	6,7
Compreender porque estou aqui	1	3,3
Apoio psicológico	3	10
Apoio financeiro	3	10
Falar sobre os meus problemas/dificuldades	1	3,3
Ajuda a acalmar-me	3	10
Não preciso, já tenho ajuda	8	26,7
Na escola e com os TPC's	3	10
A alcançar os meus objetivos	1	3,3
Total	30	100,0

b) Características da amostra quanto à família biológica

Quanto ao contacto com a família biológica, mais de metade (57,9%) dos inquiridos respondeu afirmativamente, sendo que 63,2% dos jovens pretendem voltar a viver com a sua família.

Quadro 9

Distribuição das respostas da amostra quanto à sua vontade de se relacionarem com a família biológica.

	Sim		Não		Às vezes	
	n	%	n	%	n	%
Costumas relacionar-te com a tua família?	22	57,9	3	7,9	13	34,2
Gostarias de voltar a viver com a tua família?	24	63,2	3	7,9	11	28,9
Gostarias de vê-los com mais frequência? (n=35)	32	91,4	3	8,6	0	0,0

Atendendo à frequência de contacto com a família, 24,3% dos inquiridos costuma relacionar-se com a família uma vez por semana, 21,6% uma vez por mês e os restantes 54,1% apenas de vez em quando (Quadro 10).

Quadro 10

Distribuição das respostas da amostra quanto à frequência de contacto com a família.

	1xSem		1xMês		De vez em quando	
	n	%	n	%	n	%
Com que frequência tens contato com a tua família? (n=37)	9	24,3	8	21,6	20	54,1

De notar que 86,8% dos sujeitos têm irmãos, sendo que 61,3% vivem na residência da família e em instituições e 43,3% em casa de familiares.

Quadro 11

Distribuição das respostas da amostra quanto à existência e residência dos irmãos.

	Sim		Não		Não sei	
	n	%	n	%	n	%
Tens mais irmãos?	33	86,8	4	10,5	1	2,6
Residência dos irmãos	Casa (n=31)	19	61,3	12	38,7	
	Numa instituição (n=31)	19	61,3	12	38,7	
	Casa de familiares (n=30)	13	43,3	17	56,7	

c) Caraterísticas da amostra quanto à opinião sobre si, sobre a relação com o outro e sobre as suas perspetivas futuras.

No quadro 12 podemos consultar os dados relacionados com a personalidade e o futuro dos sujeitos inquiridos.

Concluímos que 47,4% dos sujeitos, às vezes sentem vergonha de viver numa instituição e 42,1% nunca sentiu vergonha. Quanto ao fato de se sentirem rejeitados pelos colegas, 47,4% sentiram-no às vezes e apenas 5,6% afirmaram sentir-se sempre rejeitados.

Quando questionados sobre o fato de se preocuparem com o que os colegas pensam à cerca si, 47,4% responderam negativamente, 57,9% dos sujeitos afirmou gostar da sua personalidade e 52,6% sente-se sempre confiante e bem consigo próprio

De salientar que 63,2% dos inquiridos sente orgulho em si e apenas 10,5% respondeu que nunca sentiu orgulho em si.

Na questão sobre planos para o futuro, 73,7% respondeu afirmativamente e 60,5% têm-se desenvolvido enquanto pessoa. De salientar que 67,6% tem ideias definidas dos objetivos e rumo a dar à sua vida.

Quadro 12

Distribuição das respostas da amostra quanto à opinião sobre si, sobre a relação com o outro e sobre as suas perspetivas sobre o futuro.

	Sempre		Nunca		Às vezes	
	n	%	n	%	n	%
Com que frequência sentes vergonha por viveres numa instituição?	4	10,5	16	42,1	18	47,4
Com que frequência te sentes rejeitado (a) por colegas por viveres numa instituição? (n=36)	2	5,6	17	47,2	17	47,2
Com que frequências saís com os teus amigos?	2	5,3	16	42,1	20	52,6
Tens tendência para te preocupar com aquilo que os teus colegas pensam de ti?	9	23,7	18	47,4	11	28,9
Sentes que ao longo do tempo te tens desenvolvido enquanto pessoa?	23	60,5	2	5,3	13	34,2
Tens planos para o futuro?	28	73,7	3	7,9	7	18,4
Quando revés a tua vida sentes-te contente com a forma como as coisas decorreram?	8	21,1	15	39,5	15	39,5
Costumas deixar-te influenciar pelos outros?	6	15,8	24	63,2	8	21,1
Tens confiança nas tuas opiniões, mesmo que contrárias às dos outros?	22	57,9	4	10,5	12	31,6
Quando olhas para tás ficas contente com os resultados conseguidos?	20	52,6	10	26,3	8	21,1
Gostas da maioria dos aspetos da tua personalidade?	22	57,9	8	21,1	8	21,1
Sentes-te responsável pela situação em que te encontras? (n=36)	8	22,2	15	41,7	13	36,1
Sentes-te interessado(a) em atividades que te alarguem os horizontes?	29	76,3	5	13,2	4	10,5

Quadro 12

Distribuição das respostas da amostra quanto à opinião sobre si, sobre a relação com o outro e sobre as suas perspetivas sobre o futuro (Continuação)

Tens uma ideia definida dos objetivos e do rumo que queres dar à tua vida? (n=37)	25	67,6	7	18,9	5	13,5
De modo geral, sentes-te confiante e bem contigo próprio (a)?	20	52,6	10	26,3	8	21,1
Tens orgulho em ti?	24	63,2	4	10,5	8	21,1

Ao serem questionados sobre o seu passado 73,7% (28) dos inquiridos mudava alguma coisa, 10,5% (4) respondeu na negativa e 15,8% (6) talvez mudasse alguma coisa.

d) Caracterização da amostra quanto as atividades realizadas fora da instituição e opinião face à escola

Pelos dados apresentados no quadro 13 concluímos que 44,8% dos sujeitos não tem qualquer atividade, 13,8% dos sujeitos tem como atividade passear e 10,3% frequenta a catequese.

Quadro 13

Distribuição das respostas da amostra quanto às atividades fora da instituição

<i>Que atividades fazes fora da instituição? (n=29)</i>	n	%
Futebol	1	3,4
Natação	1	3,4
Passear	4	13,8
Catequese	3	10,3
Natação, futebol e caminhadas	2	6,9
Praia, cinema e teatro	1	3,4
Coro e catequese	1	3,4
Nenhuma	13	44,8
Cinema	1	3,4
Conviver com os colegas	2	6,9

Quanto às atividades extracurriculares 45% dos inquiridos não frequenta por vontade própria, 40% por não ter oportunidade e apenas 5% não sabe qual o motivo.

Quadro 14

Distribuição das respostas da amostra quanto ao motivo porque não têm atividades extracurriculares (n=20)

<i>Motivo porque não tem atividades extracurriculares</i>	n	%
Não sei	1	5
Por vontade própria	9	45
Não ter oportunidade	8	40
Incompatibilidade de horário	2	10
Total	20	100,0

No que diz respeito à escola, 48,6% dos sujeitos respondeu que gosta de andar na escola, sendo que 48,5% têm um desempenho suficiente e 40,6% gosta muito dos seus professores.

Quanto ao dar-se bem com os colegas 47,2% respondeu afirmativamente e apenas 19,4% respondeu na negativa.

Quadro 15

Distribuição das respostas da amostra quanto à sua opinião face à escola.

	Sim		Não		Às vezes	
	n	%	n	%	n	%
Gostas de andar na escola? (n=37)	18	48,6	7	18,9	12	32,4
Dás-te bem os colegas de escola? (n=36)	17	47,2	7	19,4	12	33,3
Já reprovaste algum ano? (n=36)	27	75,0	9	25,0		
	Fraco		Suficiente		Bom	
Como é o teu desempenho académico? (n=33)	7	21,2	16	48,5	10	30,3
	Muito		Pouco		Nada	
Gostas dos teus professores? (n=32)	13	40,6	15	46,9	4	12,5

Quanto à ajuda nos TPC's, a frequência é maioritariamente na disciplina de matemática com 25,7% dos inquiridos, 5,7% afirmam não necessitar de ajuda e 11,4% necessita de ajuda em todas as disciplinas (Quadro 16).

Quadro 16

Distribuição das respostas da amostra quanto às disciplinas em que necessitam de ajuda nos TPC's.

<i>Em que disciplinas precisas de ajuda com os TPC? (n=35)</i>	n	%
Matemática	9	25,7
Português	4	11,4
Inglês	1	2,9
Português e Inglês	1	2,9
Matemática e Inglês	3	8,6
Não tenho TPC's	2	5,7
Francês	1	2,9
Ciências Naturais	1	2,9
Não sei	1	2,9
Em todas	4	11,4
Português e matemática	4	11,4
Nenhuma	2	5,7
Inglês e psicologia	1	2,9
História e físico-química	1	2,9

e) Bem-estar psicológico

Tive dores de cabeça (M=2,70; DP= 1,52) e Senti-me tão triste e desencorajado a ponto de achar que já nada valia a pena (M=3,05; DP= 1,58) foram os indicadores onde os respondentes apresentaram valores médios mais baixos de bem-estar.

Se tivermos presente os valores do score medio verificamos que é nas áreas do bem-estar Cognitivo Emocional Negativo e Ansiedade que as crianças/adolescentes apresentam em média, valores mais baixos.

É na área dos amigos que as crianças/adolescentes apresentam um melhor bem-estar psicológico verificado essencialmente nos seguintes três indicadores: Tive um/a amigo/a a quem pude contar os meus problemas (M=4,84; DP=1,46); Tive colegas ou amigos com quem gostei de estar (M=4,89; DP=1,39) e Achei que tinha alguém verdadeiramente meu amigo (M=4,83; DP=1,35).

Quanto aos valores de média mais elevados, podemos concluir que é na dimensão Apoio Social que estes se encontram: Tive um/a amigo/a a quem pude contar os meus problemas (M=4,84; DP=1,46) e Achei que tinha alguém verdadeiramente meu amigo (M=4,83; DP=1,35).

Na dimensão Percepção de Competências as crianças/adolescentes institucionalizados apresentaram igualmente um bem-estar psicológico elevados: Achei que era capaz de fazer as coisas tão bem como os outros (M=4,05; DP=1,59) e Achei que era capaz de resolver os problemas que tive com os amigos (M=4,57; DP=1,44).

Quadro 17

Caraterização da amostra quanto ao bem-estar psicológico (n=38)

	Media	DP
Achei que era capaz de fazer as coisas tão bem como os outros	4,05	1,59
Tive um/a amigo/a íntimo/a que me compreendeu mesmo	4,29	1,81
Achei que era capaz de ser suficientemente bom no trabalho escolar	3,92	1,65
Senti-me tão triste e desencorajado a ponto de achar que já nada valia a pena	3,05	1,58
Gostei de mim próprio	4,47	1,84
Andei irritado	3,74	1,33
Consegui ver o lado positivo das coisas	3,50	1,39

Quadro 17

Caraterização da amostra quanto ao bem-estar psicológico (n=38) (Continuação)

Tive um/a amigo/a a quem pude contar os meus problemas	4,84	1,46
Gostei das coisas que fazia	4,21	1,53
Senti-me nervoso, tenso	3,84	1,41
Senti-me uma pessoa feliz	3,79	1,65
Estive empenhado nas coisas que fazia	3,97	1,53
Senti-me a ponto de explodir	3,53	1,69
Tive colegas ou amigos com quem pude passar os meus tempos livres	4,62	1,51
Achei que nada aconteceu como eu esperava	3,86	1,66
Tive dores de cabeça	2,70	1,52
Achei que era capaz de resolver os meus problemas do dia-a-dia	3,89	1,56
Achei que tinha alguém com quem podia desabafar	4,68	1,63
Senti-me ansioso, preocupado	4,11	1,61
Achei que não tinha nada a esperar do futuro	3,27	1,77
Senti dificuldade em me acalmar	3,60	1,60
Aconteceram na minha vida coisas de que gostei	3,92	1,67
Achei que tinha alguém verdadeiramente meu amigo	4,83	1,35
Senti-me tão em baixo que nada me conseguiu animar	3,14	1,56
Achei que era capaz de resolver os problemas que tive com os amigos	4,57	1,44
Tive colegas ou amigos com quem gostei de estar	4,89	1,39
Cognitivo emocional positiva	23,87	7,50
Apoio social	28,15	6,77
Perceção de competências	16,43	4,08
Cognitiva emocional negativa	20,47	7,81
Ansiedade	21,52	6,74
Total EBEPA	110,44	14,29

f) Relação entre o bem-estar psicológico e as variáveis

H1 - Existem diferenças estatisticamente significativas no bem-estar psicológico das crianças/adolescentes consoante o sexo.

Os rapazes apresentam valores de média de rank superiores às raparigas em todas as áreas com exceção da cognitiva emocional positiva e apoio social. Apesar das diferenças estas não tem significado estatístico uma vez que $p > 0,05$ tal como se pode observar no quadro 18. Estes dados permitem nos afirmar que não existem diferenças no bem-estar psicológico das crianças/adolescentes consoante o sexo.

Quadro 18

Resultados da aplicação do teste U de Mann Whitney ao Bem-estar psicológico consoante o sexo da criança/adolescente.

	Sexo	n	Mean Rank	U	Z	p
Cognitivo Emocional Positiva	Feminino	23	19,89	163,500	-,269	,788
	Masculino	15	18,90			
Apoio Social	Feminino	23	19,63	169,500	-,090	,928
	Masculino	15	19,30			
Perceção Competências	Feminino	23	18,48	149,000	-,706	,480
	Masculino	15	21,07			
Cognitiva Emocional Negativa	Feminino	23	18,65	153,000	-,584	,559
	Masculino	15	20,80			
Ansiedade	Feminino	23	18,72	154,500	-,539	,590
	Masculino	15	20,70			
Total EBEPA	Feminino	23	19,09	163,000	-,284	,776
	Masculino	15	20,13			

H2 - Há correlação positiva e significativa entre o bem-estar psicológico das crianças/adolescentes e a idade.

Pela análise do quadro 19 verifica-se uma correlação negativa de fraca (-0,052) a moderada (-0,519) entre a idade da criança/adolescente e o bem-estar psicológico. A correlação é significativa para as dimensões apoio emocional e para o total do bem-estar. Pelo fato de ser negativa pode referir-se que as crianças mais velhas têm em média menos bem-estar psicológico, o que nos leva a afirmar que a nossa hipótese não foi confirmada.

Quadro 19

Resultados da aplicação da correlação de Speaman's entre o EBEPa e a idade da criança/adolescente.

Idade	rs	p
Cognitiva Emocional Positiva	-,052	,758
Apoio Social	-,439	,006
Perceção competências	-,097	,564
Cognitiva Emocional Negativa	-,317	,053
Ansiedade	-,228	,168
Total EBEPa	-,519	,001

H3 – Há correlação negativa e significativa entre o bem-estar psicológico das crianças/adolescentes consoante a duração de institucionalização.

Ao realizarmos a diferença entre a idade atual e a idade da institucionalização foi possível obter o dado da duração da institucionalização,

Ao analisarmos os dados que constam no quadro 20 poderemos salientar que a hipótese experimental não é aceite pois as diferenças encontradas não tem significado estatístico em nenhum dos fatores e no total ($p > 0,05$), ou seja, o bem-estar psicológico não está relacionado com o tempo da institucionalização.

Quadro 20

Resultados da aplicação da correlação de Speaman's entre o EBEPa e duração da institucionalização.

Tempo da Institucionalização	rs	p
Cognitivo Emocional Positiva	-,038	,821
Apoio Social	-,192	,256
Perceção Competências	,041	,809
Cognitiva Emocional Negativa	,045	,791
Ansiedade	,043	,800
Total EBEPa	-,095	,575

H4 - Existem diferenças estatisticamente significativas no bem-estar psicológico das crianças/adolescentes consoante o fato destas terem objetivos e rumo de vida.

Quando comparamos o bem estar-psicológico consoante a criança/adolescente tem ou não ideia relativamente aos objetivos e rumo de vida verificamos que não existem diferenças

estatisticamente significativas ($p>0,05$), ou seja, o fato de terem objetivos e rumo de vida traçados não está relacionado com o bem estar psicológico.

Quadro 21

Resultados da aplicação do teste Kruskal Wallis ao bem-estar psicológico consoante a criança/adolescente tem definidos objetivos e rumo de vida.

Tens uma ideia definida dos objetivos e do rumo que queres dar à tua vida?		n	Mean Rank	Qui quadrado	p
Cognitivo Emocional Positiva	Sim	25	18,04	,627	,731
	Não	7	21,36		
	Às vezes	5	20,50		
Apoio Social	Sim	25	18,94	,072	,964
	Não	7	18,43		
	Às vezes	5	20,10		
Perceção Competências	Sim	25	18,32	,854	,652
	Não	7	22,36		
	Às vezes	5	17,70		
Cognitiva Emocional Negativa	Sim	25	17,58	5,753	,056
	Não	7	16,43		
	Às vezes	5	29,70		
Ansiedade	Sim	25	19,70	1,255	,534
	Não	7	15,00		
	Às vezes	5	21,10		
Total EBEP	Sim	25	18,20	2,506	,286
	Não	7	16,86		
	Às vezes	5	26,00		

H5 - Existem diferenças estatisticamente significativas no bem-estar psicológico das crianças/adolescentes consoante a tem ou não orgulho em si.

Ao tentarmos perceber se o bem estar psicológico das crianças/adolescentes era diferente consoante tem ou não orgulho em si verificamos que apenas ao nível da componente emocional positiva e apoio social as diferenças tem significado estatístico ($p<0,05$) permitindo salientar que quem tem orgulho em si apresenta medias de rank superiores às restantes grupos de crianças/adolescentes (quadro 22).

Quadro 22

Resultados da aplicação do teste Kruskal Wallis ao bem-estar psicológico consoante a criança/adolescente tem ou não orgulho em si.

	Tens orgulho em ti?	n	Mean Rank	Qui quadrado	p
Cognitivo Emocional Positiva	Sim	24	24,81	15,479	,000
	Não	6	12,92		
	Às vezes	8	8,50		
Apoio Social	Sim	24	23,52	8,903	,012
	Não	6	10,67		
	Às vezes	8	14,06		
Perceção Competências	Sim	24	21,23	1,821	,402
	Não	6	14,92		
	Às vezes	8	17,75		
Cognitiva Emocional Negativa	Sim	24	16,83	3,792	,150
	Não	6	23,67		
	Às vezes	8	24,38		
Ansiedade	Sim	24	16,79	5,128	,077
	Não	6	20,33		
	Às vezes	8	27,00		
Total EBEP	Sim	24	21,79	2,780	,249
	Não	6	15,33		
	Às vezes	8	15,75		

4. Discussão dos resultados

Este estudo procurou avaliar o bem-estar psicológico de crianças e adolescentes acolhidos em LIJ. Foram utilizados como questionários a escala EBEP e um conjunto de questões, sendo instrumentos de aplicação simples.

O primeiro objetivo deste estudo pretendia avaliar a perceção que as crianças/adolescentes tinham relativamente ao seu bem-estar psicológico onde concluímos que no geral os inquiridos têm um nível elevado de bem-estar psicológico, destacando-se positivamente na área de Apoio Social, sendo que esta subescala avalia a existência de pessoas que lhe assegurem apoio emocional, indo assim os nossos resultados de encontro aos de Hecht e Silva (2010) quando afirmam que as experiências destes indivíduos irão depender de laços afetivos e do apoio social que a instituição disponibilizar. Também Cabral (2011) referiu que o bem-estar psicológico constrói-se através de uma relação com os outros e com o mundo, numa relação de intersubjetividade, partindo de um relacionamento interpessoal.

O objetivo seguinte era determinar as características sociodemográficas, familiares, motivos, adaptação e satisfação quanto à institucionalização. Analisando os resultados nas questões relacionadas com a instituição, podemos verificar que existe uma integração positiva, bem como uma satisfação em geral. No estudo de Carvalho e Manita (2010) os

resultados quanto à satisfação com a instituição na atualidade, foram consistentes com os obtidos neste estudo. As autoras referem que os jovens estão bem integrados e percebem os aspetos positivos da institucionalização, indo ao encontro dos resultados do presente trabalho, onde a maioria com 42,1% refere que a sua vinda para a instituição foi positiva para si, sentindo-se bem integrado. Estes resultados não são consistentes com os de Neves (2011) que efetuou um estudo com jovens institucionalizados e concluiu que os jovens não estão satisfeitos com a sua vida. No presente estudo no geral quando questionados sobre a sua vida, personalidade, futuro e interesses os inquiridos responderam maioritariamente na positiva.

Apesar dos jovens se sentirem bem na instituição, o desejo de voltar para a casa da família é uma constante.

No que concerne à entrada dos indivíduos na instituição, as autoras referem não ter sido positiva, tal como acontece com os resultados obtidos neste trabalho, sendo essa integração acompanhada de sentimentos negativos “*Sentia-me revoltada*” (8,1%), “*Senti-me muito mal*” (29,7%), “*Super triste*” (8,1%).

Os aspetos negativos prendem-se com o fato do cumprimento de regras, as saudades da família, os conflitos entre colegas, os castigos e não terem os seus objetos pessoais (telemóvel, dinheiro, etc.).

Segundo Gomes (2005) a vida nas instituições deve ser organizada e controlada através de regras e rotinas, que são iguais para todos. Quanto às regras, concluímos que apesar de 50% dos inquiridos concordarem com as mesmas, apenas 26,3% as cumpre com frequência. Quando questionados qual a maior dificuldade de inserção, a resposta foi maioritariamente sobre as regras, (e.g., “*Cumprir regras*”, “*Adaptar-me à casa, às regras e às pessoas*”).

Faria, Salgueiro, Trigo e Alberto (2008) estudaram as vivências relacionadas com a institucionalização e o resultado foi positivo, “Todas as adolescentes afirmaram que preferiam ficar na instituição...”, indo assim de encontro com os nossos resultados, parecendo-nos que os técnicos responsáveis estão a fazer um ótimo trabalho com estes jovens (p.8).

O objetivo seguinte desta investigação centra-se na relação do bem-estar psicológico das crianças/adolescentes face ao sexo, idade, tempo de institucionalização, objetivos de vida e sentirem ou não orgulho em si. Quando comparada a variável sexo e o bem-estar psicológico, verificou-se que os valores de média dos rapazes são superiores ao das raparigas, contudo não são diferenças estatisticamente significativas com exceção da dimensão Cognitiva Emocional Positiva (M=18,90) e o Apoio Social (M=19,20) que são inferiores.

Estes resultados são consistentes com os do estudo de Fernandes (2007) também com adolescentes institucionalizados, onde não se verificam diferenças entre rapazes e raparigas na dimensão global do bem-estar psicológico. O autor refere que existe uma superioridade feminina nas escalas de crescimento pessoal e relações positivas e uma superioridade masculina na escala aceitação de si.

Na correlação entre o bem-estar psicológico e a idade da criança/adolescente, os resultados obtidos revelam que existe um menor bem-estar psicológico com o aumento da idade dos jovens, isto porque nos parece que os adolescentes vão tomando noção real da sua situação, que é estar institucionalizado e não em contexto familiar. Estes resultados vão de encontro a um estudo efetuado por Bizarro (1999) com uma amostra populacional de adolescentes não institucionalizados sobre o bem-estar psicológico, tendo obtido os mesmos resultados, isto é, a diminuição do bem-estar psicológico com o aumento da idade. No estudo de Fernandes (2007) os resultados não são consistentes com os do presente estudo, uma vez que o autor afirma existir uma tendência para o aumento do bem-estar psicológico com o avançar da idade.

A relação entre o bem-estar psicológico na adolescência e a idade não pode ser expressa num padrão linear, uma vez que são alternados por períodos de menor e maior bem-estar consoante o avançar da idade (Fernandes, 2007).

Num estudo efetuado por Silva, Horta, Faria, Souza, Cruzeiro e Pinheiro (2007) com adolescentes brasileiros não institucionalizados, os resultados vão de encontro aos do presente estudo, também eles concluíram que quanto menor é a faixa etária, maior é o bem-estar psicológico.

Quando consideramos as cinco dimensões do EBEP, verifica-se que a correlação com a idade é significativa apenas para as dimensões Apoio Social ($p=,006$) e para o Total do bem-estar ($p=,001$), sendo que as crianças/adolescentes mais novas têm níveis de bem-estar mais elevados.

Assim, podemos afirmar que a adolescência é um período do ciclo vital, de crescimento físico, emocional e psicológico com tendência para o aumento do bem-estar, contudo o nosso estudo verificou que o mesmo não acontece com jovens institucionalizados.

No entanto devemos ter em consideração que o bem-estar psicológico não deverá ser considerado um traço da personalidade, mas um processo dinâmico que varia com o tempo e com as situações do quotidiano (Ryff & Heidrich, 1997) estando diretamente ligado a questões do próprio desenvolvimento humano e com o grau que cada pessoa atribui para a sua qualidade de vida como um todo.

No que diz respeito ao tempo de institucionalização, os resultados desta investigação demonstraram que não existem diferenças estatisticamente significativas entre a duração da institucionalização e o bem-estar psicológico destes indivíduos.

Quanto ao fato destas crianças/adolescentes terem ou não objetivos e rumo de vida, podemos concluir que os inquiridos têm uma ideia definida daquilo que pretendem e estes resultados vão de encontro a um estudo levado a cabo por Carvalho e Manita (2010) onde os jovens institucionalizados reconheceram a importância da definição de um projeto pessoal para o futuro. Estes resultados são contraditórios aos de Gomes (2005) que afirma não existir intencionalidade na construção de um projeto de vida para estes jovens.

Henriques (2008) num estudo sobre os objetivos de vida de adolescentes institucionalizados e não institucionalizados, concluiu que os adolescentes não institucionalizados têm objetivos de vida definidos mais elevados e adequados à realidade. A autora afirma que os adolescentes institucionalizados sofrem um enorme impacto, devido ao fato da institucionalização se prolongar por vários anos, surgindo assim, problemas a nível desenvolvimental, emocional e comportamental. Estes jovens encontram-se numa fase de formação de identidade, podendo precocemente entrar na fase adulta e não terminar a formação de identidade adequadamente, perdendo assim, o interesse pela vida não tendo definido metas, crenças e valores com que se identifiquem. A autora refere ainda, que a duração da institucionalização é muito importante, sendo que, quanto menor for o tempo da institucionalização, menores são os objetivos de vida.

Ainda no que se refere aos objetivos de vida e segundo Frankl (2007) estes podem oscilar nos diferentes momentos de vida de cada indivíduo.

A questão seguinte pretendia relacionar o bem-estar psicológico consoante a criança/adolescente ter ou não orgulho em si, com os resultados obtidos verificámos que apenas ao nível da componente emocional positiva e apoio social ($p < 0,05$) as diferenças tem significado estatístico. Também Novo (2003) afirma que o bem-estar psicológico é parte integrante de processos cognitivos, emocionais e afetivos, existindo diferentes dimensões psicológicas que permitem a relação do indivíduo consigo e com a sua própria vida, tendo capacidade de orientação de forma a atingir os objetivos significativos para si e também o relacionamento com o meio.

No que concerne ao apoio que cada criança/adolescente necessita na instituição, as respostas foram maioritariamente sobre a necessidade da falar sobre a sua vida e (6,7%) e necessidade de apoio psicológico (10%). O trabalho dos técnicos neste tipo de instituição passa por ajudar a traçar um projeto de vida, a atingir determinados objetivos e um

acompanhamento psicoterapêutico, de forma a trabalhar os aspetos internos de cada indivíduo, para que assim, estes consigam ultrapassar os seus problemas e dificuldades, ajudando-os também a adquirir competências pessoais, sociais e emocionais.

5. Conclusão

Para concluir, é pertinente referir que cada vez mais existem crianças e adolescentes institucionalizados em LIJ, pelos mais diversos motivos, negligência parental, maus tratos, carência económica, entre outros. Nestes casos a institucionalização é vista como a única forma de preservar a integridade e defender os interesses desses jovens.

A adolescência como já referimos é uma fase complexa, onde o jovem exerce diversos papéis que estão inerentes a esta fase, os quais vão contribuir para a formação da sua identidade. Assim, é de ressaltar a importância da ajuda dos técnicos das instituições, a nível psicológico e emocional, ajudando-os a traçar um projeto de vida futura.

Podemos verificar neste estudo que os resultados são congruentes em alguns aspetos com outros estudos sobre a institucionalização de jovens. Concluímos que de uma forma geral que estes jovens têm um nível médio a elevado de bem-estar psicológico, apesar de estarem institucionalizados. Verificamos que com o avançar da idade o bem-estar psicológico destas crianças/adolescentes diminui.

Com os resultados obtidos podemos concluir que não existem diferenças estatisticamente significativas entre o bem-estar psicológico e o sexo, contudo os rapazes apresentam média de rank superiores às raparigas em todas as áreas à exceção da Cognitiva-Emocional Positiva e no Apoio Social. Em todas as outras correlações não verificámos diferenças estatisticamente significativas.

Como limites nesta investigação, destaca-se o tamanho da amostra. Não podemos deixar de referir que estes resultados são de uma pequena amostra, não sendo representativa da população institucionalizada.

Num futuro estudo, poderia ser interessante verificar a existência de diferenças entre jovens que estão institucionalizados e jovens que apesar de estarem sinalizados de CPCJ, continuam em contexto familiar.

Outro estudo pertinente seria a comparação entre o bem-estar psicológico de jovens institucionalizados e jovens não institucionalizados.

Uma etapa muito importante nesta questão da institucionalização seria traçar um plano de intervenção junto destas crianças e adolescentes, tendo como objetivo o desenvolvimento das suas competências pessoais e sociais, visando a promoção da sua autonomia, potenciar a sua autoestima e prevenir futuras situações de inadaptação. A nível pessoal será fundamental promover competências de gestão doméstica, de recursos e de tempo, bem como a nível da higiene pessoal e de saúde. A nível de competências sociais seria importante trabalhar na resolução assertiva de problemas, na autorregulação das emoções e sentimentos, promover as atividades extracurriculares e dar uma maior valorização na área escolar e profissional.

O acolhimento institucional é um processo que deverá ser securizantes na vida destes indivíduos para que possam traçar projetos para o futuro melhor.

O trabalho dos técnicos é fundamental tentando promover as capacidades do indivíduo, para que no futuro seja possível a aplicação das mesmas no seu quotidiano, funcionando em sociedade de uma forma estável e segura.

Referências Bibliográficas

Abaid, J. (2008). *Vivências adversas e depressão: Um estudo sobre crianças e adolescentes institucionalizados*. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Acedido a 16/04/2012 em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13406/000641407.pdf?sequence=1>

Alencar, E. S. (s/d). *As relações interpessoais e o desenvolvimento afetivo e intelectual da criança*. Acedido a 13/06/2013 em http://www.ufpi.edu.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt15/GT15_2006_04.PDF

Alexandre, D. T. & Vieira, M. L. (2004). Relações de apego entre crianças institucionalizadas que vivem em situação de abrigo. *Psicologia em Estudo*, 2 (9), 207-217. Acedido a 22/06/2013 em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n2/v9n2a07.pdf>

Avanci, J. Q.; Assis, S. G.; Oliveira, R. V. C.; Ferreira, R. M. & Pesce, R. P. (2007). Fatores Associados aos problemas de Saúde Mental em Adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (3), 287-294.

Bairros, J., Belz, C. W., Moura, M., Oliveira, S. G., Rodrigues, T. T., Silva, S. C. & Costa, F. T. (2011). *Infância e adolescência: a importância da relação afetiva na formação e desenvolvimento emocional*. XVI Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão. Acedido a 22/06/2013 em <http://www.unicruz.edu.br/seminario/artigos/humanas/INF%C3%82NCIA%20E%20ADOLESC%C3%82NCIA%20A%20IMPORT%C3%82NCIA%20DA%20RELA%C3%87%C3%83O%20AFETIVA%20NA%20FORMA%C3%87%C3%83O%20E%20DESENVOLVIMENTO%20EMOCIONAL.pdf>

Bizarro, L. (1999). O desenvolvimento e a cultura da sociedade atual: Implicação para a promoção das competências da vida na adolescência. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 32, 117-132.

Bizarro, L. (2001). O bem-estar psicológico de adolescentes com insuficiência renal. *Psicologia, Saúde e Doença*, 2 (2), 55-67.

Cabral, N. M. T. (2011). *A cidadania e o bem-estar psicológico de estudantes adolescentes*. Universidade dos Açores: Ponta Delgada. Acedido a 16/07/2013 em <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/1207/1/DissertMestradoNaterciaMTPCabral2011.pdf>

Carvalho, J. (2009). *Savoring: uma forma de promover o bem-estar? A relação entre as crenças, as estratégias de savoring e o bem-estar pessoal nos adolescentes - Um estudo exploratório*. (Mestrado em Psicologia). Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Acedido a 18/04/13 em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2110/1/22154_ulfp034803_tm.pdf

Carvalho, T., & Manita, C. (2010) *Perceções de crianças e adolescentes institucionalizados sobre o processo de institucionalização e a experiência na instituição*. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Universidade do Minho.

Diener, E. (2000). Subjective well-being: The science of happiness and a proposal for a national index. *American Psychologist*, 55 (1), 34-43.

Faria, S. M., Salgueiro, A. G., Trigo, M. L. & Alberto, I. M. (2008). *As narrativas de adolescentes institucionalizados: percepções em torno das vivências de institucionalização*. Acedido a 15/08/2013 em http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4700/1/trab-int_2008_FEP_1430_trigo_lu%C3%ADsa_01.pdf

Fernandes, H. M. G. (2007). *O bem-estar psicológico em adolescentes: uma abordagem centrada no florescimento humano*. Universidade de Trás os Montes e Alto Douro. Vila Real. Acedido a 12/06/2013 em http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/63/1/phd_hmgfernandes.pdf

Frankl, V. E. (2007). *Em busca de sentido*. Editora Sinodal. Petrópolis.

Galinha, I.C. & Ribeiro, J.L. (2005). História e evolução do conceito de bem-estar subjetivo. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 6 (2), 203-214.

Gomes, M. P. (2005) *Percursos de vida dos jovens após a saída dos lares de infância e juventude*. Lisboa: Centro de Estudos Territoriais do ISCTE. Acedido a 15/05/2013 em http://www.cnpcjr.pt/downloads/Percursos_jovens_saida_lares%20.pdf

Hecht, B. & Silva, R. F. P. (2010). *Crianças institucionalizadas: a construção psíquica a partir da privação do vínculo materno*. Universidade Católica de Rio Grande do Sul. Acedido a 22/07/2013 em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0199.pdf>

Henriques, S. R. F. (2008). *Os objetivos de vida de adolescentes institucionalizados e não institucionalizados*. Universidade Fernando Pessoa. Acedido a 12/08/2013 em <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/880/2/6686Monografia.pdf>

Magalhães, T. (2004). *Maus tratos em crianças e jovens*. Coimbra. Quarteto Editora.

Martins, P. (2004). *Proteção de crianças e jovens em itinerários de risco. Representações sociais, modos e espaços*. Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Minho. Acedido a 18/04/2012 em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3238/1/1.%20Parte%20te%C3%B3rica.pdf>

Martins, P. (2005) *A qualidade dos serviços de proteção às crianças e jovens – as respostas institucionais*. Universidade do Minho. Acedido a 15/08/2013 em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3163/1/A%20Qualidade%20dos%20Servi%20os%20de%20Protec%20o%20as%20Crian%20as%20e%20Jovens%20-%20As%20respostas%20institucionais.pdf>

Miller, A. (1997). *O drama da criança bem dotada: como os pais podem formar (e de formar) a vida emocional dos filhos*. São Paulo: Summus.

Mota, C. P. & Matos, P. M. (2008) Adolescência e institucionalização numa perspetiva de vinculação. *Psicologia & Sociedade*, 20 (3), 367-377. Acedido a 25/05/2013 em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20n3/07.pdf>

Mota, C. & Matos, P. (2010). Adolescentes institucionalizados: O papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrolo. *Análise Psicológica*, 28, (2), 245-254.

Novo, R. F. (2003). *Para além da Eudaimonia: O bem - estar psicológico em mulheres na idade adulta avançada*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.

Neves, M. C. F. (2011) *Autonomia e satisfação com a vida em jovens institucionalizados*. Instituto Superior Miguel Torga. Coimbra. Acedido a 28/08/2013 em <http://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/146/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Magda%20Neves.pdf>

Oriente, I. & Sousa, S. (2005) O significado do abandono para crianças institucionalizadas. *Psicologia em Revista*, 11 (17), 29-46. Acedido a 22/05/2013 em http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20051220153856.pdf

Papalia, D.; Olds, S. & Feldman, R. (2007). *Desenvolvimento humano*. (8.^a ed.). Porto Alegre: Artmed.

Ryff, C. D. & Heidrich, S. M, (1997) Experience and well-being: Explorations on domains of life and how they matter. *International Journal of Behavioral Development*, 20 (2), 193-206.

Ryff, D. & Keyes, C. (1995). The structure of psychological well-being revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69 (4), 719-727.

Silva, M. J. (2011). *O bem-estar subjectivo de adolescentes institucionalizados*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa - Faculdade de Psicologia. Lisboa. Acedido a 19/04/2013 em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5098/1/ulfpie039685_tm.pdf

Silva, P. A. L. (2009). *Agressividade e representações sobre a violência em jovens institucionalizados*. Universidade Fernando Pessoa. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Porto. Acedido a 11/04/2013 em http://ufpbdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/1365/3/dm_paulasilva.pdf

Silva, R. A., Horta, B. L., Faria, A. D., Souza, L. D. M, Cruzeiro, A. L. S & Pinheiro, R. T. (2007). Bem-estar psicológico e adolescência: fatores associados. *Cadernos de Saúde Pública*, 23, (5), 1113-1118. Acedido a 23/06/2013 em <http://www.scielo.br/pdf/csp/v23n5/13.pdf>

Siqueira, A. & Dell`Aglío, D. (2006). O impacto da institucionalização na infância e na adolescência. Uma revisão de literatura. *Psicologia & Sociedade*, 18 (1), 71-80.

Teixeira, C. F. (2009). *O tecer e o crescer – Fios e desafios. Construção identitária em crianças institucionalizadas*. Universidade do Porto. Acedido a 27/06/2013 em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/19344/4/corpo%20de%20texto.pdf>

Wallon, H. (1998). *A evolução psicológica da criança*. Lisboa. Edições 70.

Anexos

Anexo I

Cláudia Isabel Ribeiro Gonçalves

Rua da Raspa, 280

Cavadas

3240-589 Pousaflores – Ansião

Exmo. Senhor(a) Diretor(a)

Cavadas, 17 de fevereiro de 2013

Senhor(a) Diretor(a),

Estou a frequentar o curso de mestrado em Psicologia Clínica e Psicoterapia no Instituto Superior Miguel Torga de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Maria dos Anjos Dixe da Escola Superior de Saúde de Leiria. Neste momento encontro-me a fazer a tese de mestrado intitulada “Bem-estar Psicológico de Crianças/Adolescentes Institucionalizados”.

Com este trabalho pretendo determinar o bem-estar psicológico de jovens dos 10 aos 18 anos, institucionalizados.

A fim de dar cumprimento aos objetivos desta investigação, venho por este meio solicitar a V.^a Ex.^a a autorização para a aplicação de questionários a alguns jovens acolhidos no vosso Lar.

Comprometo-me ao sigilo e confidencialidade dos dados recolhidos e enviarei os resultados da pesquisa, se assim o pretenderem. Informo ainda que não haverá nenhum encargo financeiro, e a aplicação dos questionários será efetuado em horário apropriado, de forma a não perturbar o funcionamento interno da instituição.

Para qualquer outro esclarecimento, estarei disponível para reunir com a Direção.

Certa de que poderei contar com o apoio de V.^a Ex.^a, agradeço, desde já, a atenção disponibilizada.

Com os melhores cumprimentos,

Anexo II

EBEPA – Escala de Bem – Estar Psicológico para Adolescentes

Escala	Item
Cognitiva-Emocional Positiva	5 - Gostei de mim próprio; 7 - Consegui ver o lado positivo das coisas; 10 - Gostei das coisas que fazia; 12 - Senti-me uma pessoa feliz; 13 - Estive empenhado nas coisas que fazia; 24 - Aconteceram na minha vida coisas de que gostei;
Apoio Social	2 - Tive um amigo íntimo que me compreendeu mesmo; 9 - Tive um amigo a quem pude contar os meus problemas; 15 - Tive colegas ou amigos com quem pude passar os meus tempos livres; 19 - Achei que tinha alguém com quem podia desabafar; 25 - Achei que tinha alguém verdadeiramente meu amigo; 28 - Tive colegas com quem gostei de estar;
Perceção de Competências	1 - Achei quera capaz de fazer as coisas tão bem como os outros; 3 - Achei que era capaz de ser suficientemente bom no trabalho escolar; 18 - Achei que era capaz de resolver os meus problemas do dia-a-dia; 27 - Achei que era capaz de resolver os problemas que tive com os amigos;
Cognitiva-Emocional Negativa	4 - Senti-me tão triste e desencorajado a ponto de achar que já nada valia a pena; 8 - Achei a minha vida sem interesse; 16 - Achei que nada aconteceu como eu esperava; 21 - Achei que não tinha nada a esperar do futuro; 22 - Achei que não era capaz de fazer nada bem feito; 26 - Senti-me tão em baixo que nada me conseguiu animar;
Ansiedade	6 - Andei irritado; 11 - Senti-me nervoso, tenso; 14 - Senti-me a ponto de explodir; 17 - Tive dores de cabeça; 20 - Senti-me ansioso, preocupado; 23 - Senti dificuldades em me acalmar.

Anexo III

Questionário para crianças/adolescentes institucionalizados

Este Questionário faz parte do Projeto de mestrado intitulado bem-estar psicológico de crianças/adolescentes a residir numa instituição.

A todas as questões pedimos-lhe que responda sincera e espontaneamente com base na sua maneira habitual de realizar. Não há respostas certas ou erradas, há apenas a sua resposta. Relembramos que o resultado do questionário é absolutamente confidencial.

Para cada um dos itens assinale a sua resposta com um X na coluna que melhor o identifica.

Quando terminar verifique se respondeu a todas as questões.

Obrigado pela participação!

Sexo: _____ Idade: _____

Nome da instituição: _____

Dados Relativos à Instituição

Com que idade vieste para a instituição?

Qual o motivo da tua vinda para a instituição?

Como te sentiste quando vieste para a instituição? _____

Que dificuldades sentiste para te inserires na instituição? _____

Achas que a vinda para esta instituição foi boa para ti?	Sim		Não		Às vezes	
Sentes que estás bem integrado na instituição?	Sim		Não		Às vezes	
No geral estás satisfeito com a instituição?	Sim		Não		Às vezes	
Concordas com as regras da instituição?	Sim		Não		Às vezes	
Com que frequência cumpres com as regras da instituição?	Sempre		Nunca		Às vezes	
Dentro da instituição tens tarefas?	Sim		Não		Às vezes	

Quais as maiores dificuldades que sentes no dia a dia na instituição? _____

Como é que descreves a relação com os teus colegas na instituição?	Bem		Mal		Razoável	
Tens alguém com quem te relaciones melhor?	Sim				Não	

Tens privacidade na instituição?	Sim		Não		Às vezes	
O que entendes por autonomia?						
Achas que tens autonomia na instituição? Justifica a tua resposta. _____						
Que tipo de apoio precisas na instituição? _____						
Dados Relativos à Família						
Costumas relacionar-te com a tua família?	Sim		Não		Às vezes	
Com que frequência tens contato com a tua família?	1xSem.		1xMês		Outras, quantas?	
Gostarias de vê-los com mais frequência?	Sim, quantas vezes?				Não	
Gostarias de voltar a viver com a tua família?	Sim		Não		Às vezes	
Tens mais irmãos?	Sim		Não			
Idade dos irmãos.						
Se sim, onde residem?						
Casa.	Sim		Não			
Numa instituição?	Sim		Não			
Casa de familiares.	Sim		Não			
Dados Relativos à Escola						
Que ano frequentas?						
Já reprovaste algum ano?	Sim		Não		Qual?	
Se sim, antes ou depois de estares na instituição?	Antes		Depois			
Como é o teu desempenho académico?	Fraco		Suficiente			Bom
Gostas de andar na escola?	Sim		Não		Às vezes	
Gostas dos teus professores?	Muito		Pouco		Nada	
Dás-te bem os colegas de escola?	Sim		Não		Às vezes	
Em que disciplinas precisas de ajuda com os TPC?						
Tens alguma atividade extracurricular? _____						
Sim, quais? _____						
Se não, porquê? Por vontade própria ou por não teres oportunidade? _____						

Dados Relativos ao Bem-Estar Psicológico

Fazes amigos com facilidade?	Sim		Não		Às vezes	
Os teus colegas sabem que estás a viver numa instituição?	Sim				Não	
Com que frequência sentes vergonha por viveres numa instituição?	Sempre		Nunca		Às vezes	
Com que frequência te sentes rejeitado (a) por colegas por viveres numa instituição?	Sempre		Nunca		Às vezes	
Com que frequências saís com os teus amigos?	Sempre		Nunca		Às vezes	
Que atividades fazes fora da instituição?						
Tens tendência para te preocupar com aquilo que os teus colegas pensam de ti?	Sim		Não		Às vezes	
Sentes que ao longo do tempo te tens desenvolvido enquanto pessoa?	Sim		Não		Às vezes	
Tens planos para o futuro?	Sim		Não		Às vezes	
Quando revés a tua vida sentes-te contente com a forma que as coisas decorreram?	Sim		Não		Às vezes	
Costumas deixar-te influenciar pelos outros?	Sim		Não		Às vezes	
Tens confiança nas tuas opiniões, mesmo que contrárias às dos outros?	Sim		Não		Às vezes	
Quando olhas para trás ficas contente com os resultados conseguidos?	Sim		Não		Às vezes	
Gostas da maioria dos aspetos da tua personalidade?	Sim		Não		Às vezes	
Sentes-te responsável pela situação em que te encontras?	Sim		Não		Às vezes	
Sentes-te interessado(a) em atividades que te alarguem os horizontes?	Sim		Não		Às vezes	
Tens uma ideia definida dos objetivos e do rumo que queres dar à tua vida?	Sim		Não		Às vezes	
Se pudesses mudavas alguma coisa do passado?	Sim		Não		Talvez	
De modo geral, sentes-te confiante e bem contigo próprio (a)?	Sim		Não		Às vezes	
Tens orgulho em ti?	Sim		Não		Às vezes	